

QUARTETO SMYTHE-SMITH

*Julia Quinn*

SIMPLESMENTE  
O PARAÍSO



\* \* \* LIVRO UM \* \* \*



ARQUEIRO

Para Pam Spengler-Jaffee.  
Você é uma diva em todos os sentidos.

E também para Paul,  
embora, quando o consultei para saber  
como salvar meu herói enfermo,  
ele tenha respondido: “Não tem jeito, ele vai morrer.”

## PRÓLOGO

**M**arcus Holroyd estava sempre sozinho.

A mãe morrera quando ele tinha 4 anos, mas, surpreendentemente, esse acontecimento pouco tivera efeito em sua vida. A condessa de Chatteris cuidava do filho do mesmo modo que a mãe dela criara os próprios filhos – a distância. Ela não era irresponsável: ficara extremamente orgulhosa por encontrar a melhor ama de bebês para o herdeiro que dera ao marido. A Srta. Pimm tinha quase 60 anos e já tomara conta de dois futuros duques e do filho de um visconde. Lady Chatteris colocara o bebê nos braços de Pimm e avisara à ama que o conde tinha intolerância a morangos, portanto era provável que o mesmo acontecesse com o menino. E assim partira para desfrutar a temporada social de Londres.

Marcus viu a mãe em precisamente sete ocasiões, e então ela morreu.

Lorde Chatteris era mais chegado à vida no campo do que a esposa e ficava com mais frequência na residência de Fensmore, a enorme casa em estilo Tudor no norte de Cambridgeshire que fora o lar dos Holroyds por gerações. Porém, o conde criava o filho do modo como o pai dele o criara. Isso significava que apenas se certificou de colocar a criança em cima de um cavalo aos 3 anos e, depois, não viu razão para se importar mais com o menino até que tivesse idade suficiente para conduzir uma conversa de forma razoavelmente sensata.

O conde não desejava se casar de novo, embora o alertassem de que seria bom ter outro filho além do herdeiro. Lorde Chatteris olhou para Marcus e viu um garoto inteligente, atlético e de aparência passável. E o mais importante: era bem saudável e vigoroso. Sem motivo para supor que Marcus pudesse ter um problema súbito e morrer, não viu razão para se sujeitar a outra rodada de caça a uma esposa ou, pior, para se sujeitar a outra esposa. Em vez disso, escolheu investir no filho.

Marcus teve os melhores tutores. Foi instruído em todos os detalhes possíveis da educação de um cavalheiro. Era capaz de reconhecer todas

as espécies da fauna e flora locais. Cavalgava como se houvesse nascido em cima de uma sela e, mesmo que seus talentos na esgrima e no tiro não fossem levá-lo a ganhar uma competição, ele ficava bem acima da média. Conseguia fazer operações matemáticas sem desperdiçar uma gota de tinta. Compreendia latim e grego.

Aos 12 anos.

Talvez por coincidência, esse foi o mesmo período em que o pai decidiu que ele já devia ser capaz de conduzir uma conversa decente.

Também foi quando o conde resolveu que Marcus daria o próximo passo em sua instrução: deixaria Fensmore para estudar no Eton College, a instituição onde todos os meninos Holroyds iniciavam sua educação formal. Esse acabou sendo o acontecimento mais feliz e afortunado na vida do jovem rapaz, pois Marcus Holroyd, herdeiro do condado de Chatteris, não tinha amigos.

Nem um único.

Não havia meninos adequados no norte de Cambridgeshire com quem Marcus pudesse brincar. A família nobre mais perto eram os Crowlands, que tinham apenas meninas. A segunda mais próxima era da aristocracia rural, o que teria sido aceito sob as circunstâncias, mas os filhos deles não tinham a idade apropriada para fazer companhia a Marcus. Lorde Chatteris não permitiria que o filho andasse com camponeses, por isso simplesmente contratou mais tutores. Um menino ocupado não poderia ser solitário; além do mais, nenhum filho dele iria querer correr pelos campos feito um selvagem com a cria turbulenta do padeiro.

Se o conde houvesse perguntado a opinião de Marcus, teria recebido uma resposta diferente. Mas lorde Chatteris via o filho apenas uma vez por dia, antes da refeição da noite. A conversa entre eles durava cerca de dez minutos, então Marcus subia para a ala infantil, o pai seguia para a sala de jantar formal, e só.

Era impressionante que Marcus não tivesse se sentido profundamente infeliz no Eton. Ele não sabia como interagir com os colegas. No primeiro dia, quando todos os demais corriam pelo colégio como um bando de selvagens (nas palavras do valete do conde, que o deixara lá), o garoto ficou de lado, tentando não olhar para os outros, tentando parecer que *tinha a intenção* de ficar de lado, desviando o olhar.

Marcus não sabia como agir. Não sabia o que dizer.

Mas Daniel Smythe-Smith sabia.

Além de ser o herdeiro do condado de Winstead, Daniel tinha cinco irmãs e mais de trinta primos em primeiro grau. Não havia ninguém que soubesse se socializar melhor. Em questão de horas, ele se tornara o rei incontestável entre os meninos mais novos de Eton. Tinha autoconfiança, um sorriso fácil, uma absoluta ausência de timidez. Era um líder nato, capaz de tomar decisões com a mesma rapidez com que contava piadas.

E fora alojado na cama bem ao lado da de Marcus.

Eles se tornaram grandes amigos e, quando Daniel convidou Marcus para ir a sua casa nas primeiras férias, o jovem Chatteris aceitou. Os Smythe-Smiths moravam em Whipple Hill, que não ficava muito longe de Windsor, logo o menino facilmente viajava com frequência para casa. Marcus, por outro lado... Bem, ele não morava na distante Escócia, porém levava mais de um dia para alcançar o norte e chegar a Cambridgeshire. Além disso, o pai nunca ia para casa em férias curtas e também não via razão para o filho fazer isso.

Então, quando chegaram as segundas férias e Daniel voltou a convidar Marcus, ele aceitou.

E de novo.

E de novo.

E mais uma vez, até Marcus passar mais tempo com os Smythe-Smiths do que com a própria família. É claro que os Holroyds eram formados por apenas uma pessoa, mas, quando Marcus parava para pensar a respeito (o que fazia com bastante frequência), percebia que passava de fato mais tempo com cada Smythe-Smith do que com o pai.

Até mesmo com Honoria, a irmã caçula de Daniel. Ao contrário do resto da família, ela não tinha nenhum irmão com idade próxima à sua. Era cinco anos mais nova que o penúltimo filho da prole, supostamente um feliz acidente para encerrar a maravilhosa carreira de procriadora de lady Winstead.

Contudo, cinco anos era um espaço de tempo grande, ainda mais quando se tinha apenas 6 anos, como era o caso de Honoria. As três irmãs mais velhas já estavam casadas ou noivas e Charlotte, com 11 anos, não queria saber da caçula. Daniel também não, mas parecia que a ausência dele levava Honoria a se apaixonar terrivelmente pelo irmão, porque quando ele vinha da escola para casa, a menina o seguia por todo lado, como um cachorrinho.

– Não faça contato visual – orientou Daniel a Marcus certa vez, quando

estavam tentando evitar Honoria em uma caminhada até o lago. – Se não a ignorarmos, estará tudo perdido.

Eles caminhavam com determinação, a cabeça voltada para a frente. Iam pescar e, na última vez em que Honoria se juntara aos dois, acabara derrubando todas as minhocas.

– Daniel! – gritou ela.

– Ignore-a – murmurou Daniel.

– Daniel!!!!!!!!!!!!!! – A menina passou do gritinho para o berro.

O jovem se encolheu.

– Mais rápido. Se chegarmos ao bosque, ela não nos encontrará.

– Ela sabe onde é o lago – Marcus sentiu-se compelido a lembrar ao amigo.

– Sim, mas...

– *Daniel!!!!!!!!!!!!!!*

–... mãe vai pedir a cabeça de Honoria se ela entrar sozinha no bosque. Nem mesmo minha irmã é tola o bastante para provocá-la assim.

– Dan... – Ela se interrompeu. Então, em uma voz tão triste que era impossível não se virar para olhá-la, chamou: – Marcus?

Ele se virou.

– Nãããããooooooooo! – gemeu Daniel.

– Marcus! – gritou Honoria, feliz. Ela correu e parou de súbito na frente deles. – O que estão fazendo?

– Vamos pescar – grunhiu Daniel. – E você não vai junto.

– Mas eu gosto de pescar.

– Eu também. Sem você.

A menina franziu o rosto.

– Não chore – pediu Marcus depressa.

Daniel não se deixou impressionar:

– Ela está fingindo.

– Não estou fingindo!

– Não chore – repetiu Marcus, porque, sinceramente, isso era o mais importante.

– Não vou chorar – retrucou Honoria, batendo as pestanas – se me deixarem ir com vocês.

Como uma menina de 6 anos sabia bater as pestanas? Ou talvez não soubesse, porque um instante depois estava franzindo os olhos e esfregando-os.

– Qual é o problema agora? – perguntou Daniel.

– Entrou alguma coisa no meu olho.

– Talvez tenha sido uma mosca – sugeriu Daniel com maldade.

Honorina gritou.

– Talvez essa não tenha sido a melhor coisa a dizer – observou Marcus.

– Tire! Tire! – pediu ela com gritinhos agudos.

– Ai, acalme-se – falou Daniel. – Está tudo bem.

Entretanto, a menina continuou gritando e batendo no rosto. Por fim, Marcus a agarrou e segurou sua cabeça com firmeza, as mãos nas têmporas de Honorina, por cima das dela.

– Honorina, Honorina!

Ela piscou, arquejou e enfim ficou quieta.

– Não há mosca nenhuma – afirmou ele.

– Mas...

– Provavelmente era um cílio.

A boca da menina se abriu em um pequeno “o”.

– Posso soltá-la agora?

Ela assentiu.

Lentamente, Marcus a soltou e recuou um passo.

– Posso ir com vocês?

– Não! – vociferou Daniel.

A verdade era que Marcus também não desejava a companhia dela. Honorina tinha 6 anos. E era menina.

– Vamos ficar muito ocupados – disse ele, mas sem a indignação de Daniel.

– Por favor?

Marcus gemeu. Ela parecia tão desamparada, com o rosto marcado pelas lágrimas... Os cabelos castanho-claros, divididos de lado e puxados para trás com alguma espécie de prendedor, caíam lisos e finos pelas costas até logo abaixo dos ombros. Os olhos dela – quase da cor exata dos olhos de Daniel, de um tom fascinante e único de azul-arroxeadado claro – eram enormes, estavam marejados e...

– Eu falei para não fazer contato visual – alertou Daniel.

Marcus gemeu de novo.

– Quem sabe só desta vez?

– Ah, que bom! – Ela saltou como um gato pego de surpresa, então deu um abraço impulsivo (mas felizmente rápido) em Marcus. – Ah, obrigada,

Marcus! Obrigada! Você com certeza é o melhor! O melhor dos melhores!  
– A menina estreitou os olhos e encarou Daniel de um jeito assustadoramente adulto. – Ao contrário de *você*.

A expressão do irmão foi igualmente antipática.

– Tenho *orgulho* de ser o pior dos piores.

– Não me importo – anunciou Honoria e pegou a mão de Marcus. – Vamos?

Marcus fitou a mão da menina. Uma sensação desconhecida, estranha e de certo modo desagradável começou a se agitar no seu peito. Ele levou certo tempo para perceber que era pânico. Não conseguia se lembrar da última vez que alguém lhe dera a mão. A ama, talvez? Não, ela gostava de segurá-lo pelo pulso. Tinha mais firmeza assim, Marcus a ouvira dizer à governanta certa vez.

Fora o pai? A mãe, em algum momento antes de morrer?

O coração dele batia acelerado e logo sentiu a mãozinha de Honoria ficar escorregadia na sua. Devia estar suando, ou ela é que estava, embora Marcus estivesse quase certo de que era ele.

Olhou para Honoria, que lhe sorria.

Marcus soltou a mão da menina.

– Ahn, temos que ir agora – falou, constrangido. – Enquanto ainda está claro.

Os Smythe-Smiths olharam para ele, curiosos.

– Não é nem meio-dia – comentou Daniel. – Por quanto tempo pretende pescar?

– Não sei – retrucou Marcus, na defensiva. – Talvez demore.

Daniel balançou a cabeça.

– Papai acaba de renovar o estoque do lago. Você provavelmente poderia arrastar uma bota pela água e pegar um peixe.

Honoria arquejou de prazer. Daniel se virou para a irmã no mesmo instante.

– Nem pense nisso.

– Mas...

– Se minhas botas forem parar em algum lugar perto da água, juro que vou afogar você.

Ela fez biquinho e baixou os olhos, resmungando:

– Eu estava pensando nas *minhas* botas.

Marcus não conseguiu conter uma risadinha. No mesmo instante, Honoria ergueu os olhos e o encarou com uma expressão traída.

– Teria que ser um peixe muito pequeno – comentou Marcus rapidamente. Isso não pareceu satisfazê-la.

– Não dá para comê-los quando são assim tão pequenos – tentou Marcus. – São quase só espinhas.

– Vamos – resmungou Daniel.

Seguiram pelo bosque, as perninhas de Honoria precisando do dobro de passadas para acompanhar os dois garotos.

– Na verdade, não gosto de peixe – comentou a menina, determinada a manter um fluxo permanente de conversa. – Eles cheiram muito mal. E têm um gosto *peixoso*...

Então, no caminho de volta...

–... Ainda acho que aquele rosa parecia grande o bastante para ser comido. Se a pessoa gostar de peixe, o que não é o meu caso. Mas se você gosta *mesmo* de peixe...

– Nunca mais a convide para vir conosco – disse Daniel a Marcus.

–... o que não é o meu caso. Mas acho que mamãe gosta de peixe. E tenho certeza de que ela iria gostar de um peixe *rosa*...

– Não convidarei – assegurou Marcus.

Criticar uma menininha parecia o máximo da rudeza, mas Honoria era exaustiva.

–... embora Charlotte não fosse gostar. Charlotte odeia rosa. Jamais usaria uma roupa rosa. Diz que a faz parecer emaciada. Não sei o que quer dizer “emaciada”, mas parece uma coisa desagradável. Eu gosto de lavanda.

Os dois garotos deixaram escapar suspiros idênticos. Iam continuar a caminhar, mas Honoria pulou na frente deles e abriu um sorriso torto.

– Combina com os meus olhos.

– O peixe? – perguntou Marcus, olhando para o balde que carregava.

Lá dentro, três trutas de bom tamanho se debatiam. Haveria mais – no entanto, Honoria sem querer chutara o balde e devolvera para o lago os dois primeiros peixes que Marcus pescara.

– Não. Você não estava me *escutando*?

Marcus se lembraria para sempre daquele momento. Fora a primeira vez que se vira diante da mais incômoda peculiaridade feminina: a pergunta que tinha apenas respostas erradas.

– *Lavanda* combina com os meus olhos – esclareceu Honoria com grande autoridade. – Meu pai é que falou.

– Então deve ser verdade – disse Marcus com alívio.

Ela girou uma mecha no dedo, mas o cacho se desfez assim que foi solto.

– Marrom combina com os meus cabelos, mas eu prefiro *lavanda*.

Marcus enfim pousou o balde. Estava ficando pesado e a alça começava a marcar sua mão.

– Ah, não – disse Daniel. Ele pegou o balde e o devolveu ao amigo. – Vamos para casa. – Lançou um olhar irritado na direção de Honoria. – Saia do caminho.

– Por que você é gentil com todo mundo menos comigo? – perguntou a menina.

– Porque você é uma peste! – ele quase gritou.

Era verdade, mas Marcus tinha pena da menina. Apenas em parte do tempo. Honoria devia se sentir como filha única e ele sabia muito bem como era a experiência. Desejava apenas participar, ser incluída em jogos e brincadeiras, em todas as atividades que a família constantemente lhe dizia que era jovem demais para se envolver.

Honoria recebeu o golpe sem se retrair. Permaneceu imóvel, encarando o irmão com raiva. Então, deixou o ar escapar com força pelo nariz.

Marcus desejou ter um lenço.

– Marcus – disse Honoria. Ela se virou para fitá-lo, mas também para dar as costas ao irmão. – Gostaria de tomar um chá de bonecas comigo?

Daniel abafou o riso.

– Levarei minhas melhores bonecas – informou a menina, muito séria.

*Santo Deus, tudo menos isso.*

– E haverá bolos – acrescentou ela, em uma vozinha formal que assustou o rapaz.

Marcus lançou um olhar de pânico na direção de Daniel, mas não recebeu nenhuma ajuda.

– E então? – exigiu saber Honoria.

– Não – disparou Marcus.

– Não? – Ela o encarou, muito séria.

– Não posso. Estou ocupado.

– Fazendo o quê?

Marcus pigarreou. Duas vezes.

– Coisas.

– Que tipo de coisas?

– *Coisas*. – Ele se sentiu péssimo, então acrescentou, para não parecer tão inflexível: – Daniel e eu fizemos alguns planos.

Ela pareceu arrasada. Seu lábio inferior começou a tremer e, ao menos daquela vez, Marcus não achou que a menina estava fingindo.

– Desculpe – acrescentou ele, porque não tivera a intenção de magoá-la.

Mas, pelo amor de Deus, um *chá de bonecas*? Não havia um único menino de 12 anos no mundo que quisesse participar de um evento desses.

Marcus estremeceu.

O rosto de Honoria ficou vermelho de raiva e ela se virou para encarar o irmão.

– Você o fez dizer isso.

– Eu não falei uma palavra – retrucou Daniel.

– Odeio você – disse a menina em voz baixa. – Odeio vocês dois. – Então passou a berrar: – Odeio vocês! Principalmente você, Marcus! Odeio você de verdade!

Honoria correu para casa o mais veloz que suas perninhas magras permitiam, o que não era assim tão rápido. Marcus e Daniel ficaram parados onde estavam, observando em silêncio enquanto ela se afastava.

Quando Honoria estava perto da casa, Daniel meneou a cabeça e afirmou:

– Ela o odeia. Agora você é oficialmente um membro da família.

E ele era. Daquele momento em diante, era.

Até a primavera de 1821, quando Daniel arruinou tudo.

## CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

### OS BRIDGERTONS

O duque e eu  
O visconde que me amava  
Um perfeito cavalheiro  
Os segredos de Colin Bridgerton  
Para Sir Phillip, com amor  
O conde enfeitado  
Um beijo inesquecível  
A caminho do altar  
E viveram felizes para sempre  
Os Bridgertons, um amor de família

Rainha Charlotte

### QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso  
Uma noite como esta  
A soma de todos os beijos  
Os mistérios de sir Richard

### AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira  
Como se casar com um marquês

### IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua  
Mais forte que o sol

### OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões  
Um marido de faz de conta  
Um cavalheiro a bordo  
Uma noiva rebelde

### TRILOGIA BEVELSTOKE

História de um grande amor  
O que acontece em Londres  
Dez coisas que eu amo em você

### DAMAS REBELDES

Esplêndida – A história de Emma  
Brilhante – A história de Belle  
Indomável – A história de Henry

Os dois duques de Wyndham – O fora da lei / O aristocrata

A Srta. Butterworth e o barão louco

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

